HIERARQUIA E TRANSGRESSÃO NOS RELATOS DE BERNARDO DE CLARAVAL E OTHON DE FREISING SOBRE ARNALDO DE BRÉSCIA

José Luiz dos Santos Pereira Filho
Universidade de São Paulo
jluizspf@gmail.com

Este seminário temático tem como objetivo apresentar os resultados parciais de uma pesquisa em andamento, que culminará em um artigo sobre hierarquia e transgressão nos relatos de Bernardo de Claraval e Othon de Freising sobre Arnaldo de Bréscia. Os testemunhos de Bernardo de Claraval (1090-1153) e Othon de Freising (1114/1115-1158) foram privilegiados pois ao expressarem discursos sobre hierarquizações e ordenamento do mundo, podem ser tomados como representantes de alguns segmentos das instituições Igreja e Império, respectivamente.

Devido ao fato de que até hoje, não se tem documentos ou fontes escritas do próprio Arnaldo de Bréscia, é necessário utilizar outras testemunhas para construir os acontecimentos relativos a Arnaldo. Portanto é necessário fazer a crítica a estes documentos.

Na obra de Arsenio Frugoni, *Arnaud de Bréscia dans les sources du XIIIe siècle* encontra-se tanto uma crítica aos autores e documentos que falam sobre Arnaldo como uma tentativa de construção suas varias faces. Varias faces porque não se trata de tomar estes documentos como complementares, segundo o autor¹, preenchendo a lacuna de um com informações do outro, e sim entender o que significou Arnaud. No caso desta pesquisa, esta obra ajuda a entender como os autores desses documentos tratavam as questões de hierarquização da sociedade e a transgressão dessa hierarquia.

O acesso a Arnaldo só pode ser obtido de maneira indireta, pois seus escritos não sobreviveram, porem os escritos de suas testemunhas, os que temos acesso são, segundo Frugoni:

Cartas de Bernardo de Claraval, abade ordem cisteciense, para o papa Inocêncio II, de 1140, carta em que Arnaldo ganhou a celebre alcunha de escudeiro de Abelardo. As outras cartas foram para o Bispo Hermann de Constância, para onde Arnaldo se retirou após sua segunda estada em Paris. Foi também em Constance o lugar onde entrou em contato com o Legado Papal Guido, para quem Bernardo escreveu outra

1 FRUGONI. *Arnaud de Bréscia*, p. 112-113.

sobre o perigo que representava Arnaldo. Sua última carta foi para Eugênio III, em 1151, cujo conteúdo da carta pode ser resumido por uma de suas frases “ (sobre Arnaldo) esta pessoa não é mais digna do aprisionamento perpetuo, nada é mais justo para ele que o silencio perpetuo”² .

Os Anais de Bréscia, listas de acontecimentos locais com descontinuidades temporais, contem muito pouco sobre Arnaldo.

A *Gesta Friderici I Imperatoris*, do bispo Othon de Freising. Escrita entre 1156 e 1157, esta representa a ressurreição do ideal imperial. Uma ressurreição que vai se acontecendo da excomunhão de Henri IV, ate Frederico Barbaruiva, aquele que deveria ser o realizador do Império e a restaurador da unidade entre a Igreja e o Império. E é neste percurso que aparece Arnaldo, o cismático que ao tentar se desamarrar tanto da autoridade papal quanto da imperial, inspira o união entre as duas instituições.

Existe também um poema anonimo, segundo Frugoni, composto provavelmente por alguém da região de Bergame e Bréscia, dado seus conhecimentos precisos e minuciosos dos locais³ e antes de 1162. Itália Trata-se de um poema onde o imperador, Frederico, é visto como aquele que traz a paz entre as Comunas na Itália e que se arrependeria do suplicio imposto por ele a o monge de Bréscia. Arnaldo, por sua vez, estaria presente como um mártir que sofreu e morreu por defender os ideais de vida apostólica, a pobreza e a rejeição de hierarquização dentro da Igreja.

Outro poema, que também testemunha sobre Arnaldo é o *Ligurinus*, sua autoria é atribuída a Gunther, monge cisteciense de Paris, pelos trabalhos de Pannenberg. São 6576 versos, divididos em 10 livros escritos entre 1186-1187⁴. O poema, derivado da *Gesta* de Othon, é destinado a celebrar a investida de Frederico contra os Ligures – Italianos. Provavelmente a obra foi escrita por um eclesiástico, não para ser uma cronica, como a de Othon, mas para ser lido na corte. Nela Arnaldo é tido como protagonista da revolta romana, como visto em Othon, mas o politizando e não recuperando as contradições parciais que o apoiaram⁵. Para o autor dos *Ligurinus* Arnaldo se rebela face ao papado negando seu direito politico de Roma e face ao imperador que reconhece esse direito.

2 Ibid. p. 37.

3 FRUGONI. *Arnaud de Bréscia*. p. 75.

4 Ibid. p. 87.

5 Ibid. p. 89.

A *Historia Pontificalis* (1162), de Jean de Salisbury, fornece, também, informações sob uma ótica diferente a respeito do monge reformador de Bréscia. Ótica diferente, não só por participar da corte papal mas também por ter participado da vida estudantil em Paris (1136), mesmo que em um período um pouco posterior a estada de Arnaldo (aproximadamente em 1120⁶), foi discípulo de Abelardo, passou pela escola de Chartres, onde entrou em contato com a literatura clássica e a tradição humanista de Bernardo de Chartres. Ou seja, de todas as testemunhas, era Jean de Salisbury o que tinha mais proximidade com os textos lidos por Arnaldo. Jean poderia ser descrito como um religioso cavalheiresco, próximo de Arnaldo no que diz respeito aos ideais de reforma e ao universo intelectual, mas radicalmente distante no que diz respeito a hierarquia e a ordem do mundo, tornando em miúdos Jean era partidário da reforma, não da revolução⁷.

A *Vies*, do cardinal Boson, uma obra que trata da vida dos papas Adriano IV e Alexandre III, é outra fonte disponível para se ter acesso a informações sobre Arnaldo. Administrador papal, Boson detinha particular atenção aos aspectos temporais da Igreja, mais precisamente no problema da recuperação de bens eclesiásticos. Seus escritos são compilações em ordem cronológica dos arquivos papais, ou seja, os escritos de Boson são a história oficial sobre a rebelião de Arnaldo. Os motivos da polémica com Arnaldo não são citados, ele simplesmente é retratado como um herege que foi protegido pelos cidadãos perversos de Roma e pelos senadores que foram instituíveis pelo povo para o governo da cidade⁸. Seu maior erro não estaria o ligado a heresia e sim ao fato de incitar a rebelião e por isso foi expulso da cidade.

A obra *De investigatione Antichristi*, de Gerhoh de Reichersberg, diferente das demais até agora vistas, apresenta uma posição própria do autor em relação a Arnaldo. Lutou ferozmente pela introdução da vida regular no clero secular, combatendo a simonia praticada abertamente na Alemanha. Em sua obra Arnaldo aparece como um extremista herético condenável, mas que merece, por causa de suas reivindicações contra o poder temporal da igreja, um certo grau de compreensão. Seu erro foi o de desrespeitar a hierarquia clerical, porém, segundo Gerhoh, a Igreja não teria autoridade para ordenar sua execução. Diferente de Othon e as outras testemunhas é Gerhoh quem

6 GREENAWAY. *Arnold of Brescia*. p. 29.

7 FRUGONI. p. 95.

8 FRUGONI. p. 126

indica a que a Igreja foi cúmplice no caso da execução de Arnaldo.

Existem também outros anais e escritos que citam Arnaldo (Anais de Milão, Anais de Einsiedlenses, Crônicas Basileias dos bispos e dos imperadores, Crônicas dos pontífices e imperadores romanos, Anais dos tegernessences escritos por Werner e outros, Anais menores de Augsbourg, Suplemento de Afflighem, Gesta de Frederico, anais de São Taurin de Évreux, anais de Ottenbeurem, manuscrito 40 da biblioteca dos Valencianos, Anais de Polde)

Encontra-se também os testemunhos do arqui-diácono Gallois Gautier Map (1140-1208/1210) de Oxford. Em seu *nuge curialium*, Arnaldo não passa de um meio para atacar a curia papal. Como não teve contato com Arnaldo, tem como fonte, nas palavras do próprio Gautier, “um homem de seu tempo, um homem verdadeiramente grande e muito culto, Robert de Burneham”. Segundo nota em Frugoni, este aparece como arqui-diácono de Buclingham em 1171 e seu testemunho seria ocular.⁹ O Arnaldo de Bréscia era nobre e grande por sua família, maior por sua cultura, por sua religião, ele era o primeiro, de comportamento austero, um pregador infatigável, mas não por seu próprio interesse¹⁰ que por atacar de maneira modesta o materialismo da curia romana foi expulso e depois da rebelião romana, morto pelo imperador, ou seja uma santa vítima.

Existem também fontes apontam Arnaldo como líder morto, inspirador de grupos de hereges e miseráveis, que seguem sua doutrina e se auto intitulam filhos de Arnaldo ou arnaldistas. Jean de Salisbury o relaciona com a heresia dos Lombardos, outros até com o catarismo. Qual é exatamente a relação destes grupos heréticos com Arnaldo, no estado presente das pesquisas sobre Arnaldo, não se é possível precisar pois como já foi falado, não resta nenhum escrito de Arnaldo para certificar as doutrinas desses grupos. Pode-se cogitar uma ligação principalmente entre os “filhos de Arnaldo” e Arnaldo de Bréscia, ao menos a utilização do nome e da “lenda”, mas qualquer afirmação careceria de provas.

Ao formular este seminário temático, pareceu impossível não deter-se sobre a vida de Arnaldo, mesmo arriscando o pouco espaço disponível para esta apresentação.

Se a documentação sobre Arnaldo de Bréscia não é muito farta, a bibliografia

9 FRUGONI. p.153.

10 FRUGONI. p.155.

moderna sobre ele não é diferente. Uma obra que pretende montar uma biografia, um pouco linear e não contraditória, de Arnaldo é a de George William Greenaway, *Arnold of Brescia* de 1931, primeira sobre Arnaldo na língua inglesa.

As circunstâncias do nascimento de Arnaldo estão perdidas na obscuridade¹¹. Assim começa o capítulo que trata do início da trajetória de Arnaldo, na obra de Greenaway. Mesmo que Otto de Freising deixe registrado que foi na cidade italiana de Brescia que Arnaldo nasceu, não é possível assegurar tal informação, pois os anais de Brécia não registram seu nascimento por volta de 1090-1110. Como dito, Gautier Map informa que sua origem teria sido nobre, hipótese que só se sustenta pela possibilidade de Arnaldo, depois de receber a primeira educação na escola episcopal - onde, segundo Greenway, Eugênio II (bispo de Toledo) mantinha vivo os ideais de reforma de Gregório VII - ter ido a Paris para completar seus estudos. Segundo Otto, é neste momento que Arnaldo torna-se discípulo de Abelardo, porém todos os outros autores, inclusive Jean de Salisbury, mantem silêncio. Esse silêncio não pode ser tomado como prova definitiva da não ligação somente colabora para a não conclusão sobre a veracidade do fato.

Provavelmente foi em Paris que Arnaldo entrou em contato com a literatura clássica e nas novas discussões sobre as sagradas escrituras. Após seu período de estudo retornou a Brécia. Encontra uma cidade a beira da rebelião, dividida entre partidários da curia papal e o poder laico da região.

Em 1115, houve em Brécia uma revolta popular, contra o bispo Arimannus, aliado do poder imperial¹¹, e a eleição cismática de Villanus. Um ano depois, no concílio de Latrão o papa Pascoal II confirma a escolha popular, depõem Arimannus e consagra Villanus. Por apoiar o papa cismático Anacleto, o papa Inocêncio II o depõe e coloca Manfred em seu lugar. Villanus continua exercendo poder por ter apoio dos nobres locais, porém quando Manfred confisca os benefícios dos clérigos acusados de simonia e insubmissos ao papa, aquele não consegue os resgatar. Entretanto a questão não se resolve de forma tão simples.

Estes distúrbios, informa Greenway, começam aproximadamente no ano de 1135. Arnaldo somente aparece em cena no ano de 1138, quando Manfred apela para Roma, assim reintroduzindo o fator papal. Isto significaria uma redução de autonomia da

¹¹ GREENAWAY. *Arnold of Brescia*, p. 27.

cidade e pela maior interferência do papado em assuntos temporais. Devido aos problemas relacionados ao cisma, o papa não consegue disponibilizar grande ajuda a seu bispo e este, quando volta a Bréscia encontra-a em revolta e com os portões fechados para ele. A autoridade do bispo estava suspensa e um governo estabelecido pela população em vigor. Em 1139, segundo algumas fontes (Bernardo, o ligurinus e Jean de Salisbury) o papa Inocêncio II que condenou Arnaldo e o proibiu de voltar a cidade natal sem a permissão papal, já Otton, diz que foi o concílio de Latrão que o condenou ao silêncio e o expulsou de Bréscia. Ao voltar a Bréscia, Manfred encontra a revolta praticamente terminada, com os cônsules, Rebaldu e Persicus em fuga, e restaura a autoridade episcopal.

Depois da condenação, Arnaldo partiria para Paris, onde segundo Jean de Salisbury, abria uma escola de teologia perto do monte Sainte Geneviève, onde havia o monastério de mesmo nome, no qual Abelardo exercia o ofício de mestre. Arnaldo também possuiria o título de mestre e pois somente com ele poderia ensinar em Paris. Seus ensinamentos, a partir das escrituras divinas atraíam grupos de alunos – como descreve Jean – pobres, que precisavam pedir esmolas de porta em porta para sustentar sua vida comunitária ao lado de seu mestre. Jean também relata seus ensinamentos; Arnaldo procuraria as leis levavam a perfeição crista e provas da traição da alta hierarquia do mundo. Não poupando os bispos, por sua cobiça, autos ganhos, pela impureza de suas vida e principalmente por tentar edificar com sangue a Igreja de Deus.

Abelardo e Arnaldo foram apresentados por Bernardo de Claraval, no consílio de Sens, como o novo Golias e seu escudeiro. Julgados como difusores de teses heréticas, tiveram seus escritos queimados e foram condenados ao claustro, em mosteiros diferentes. Abelardo em Saint-Marcel, mosteiro ligado a Cluny e Arnaldo em Zurique, na diocese de Constance, depois de que, a conselho de Bernardo o rei Luis VII o expulsa da França. Uma diocese conheceu uma rebelião recente e vitoriosa contra seu bispo Odelrico. Hermann, nobre de Arbon, tomou seu lugar indicado pelo papa e com o apoio dos cidadãos de Constance, que deveriam lhe dar “ajuda e conselho”. E nesta cidade, segundo Otton, Arnaldo volta a ensinar sua doutrina. Bernardo toma conhecimento da presença de Arnaldo e escreve uma carta onde este pede cooperação no esforço papal de proibir novamente mestre herege de ensinar.

Ali também encontra com o cardeal Guido legado papal na germania. Arnaldo

acompanha Guido, que lhe oferece proteção. E uma grande proteção, pois Bernardo não deixa de enviar-lhe cartas contando sobre quem é Arnaldo de Bréscia. Sobre isso Frugoni oferece uma hipótese, a do próprio Bernardo. Pode-se pensar em um desejo de Guido de recuperar Arnaldo, em razão de uma certa afinidade no engajamento religioso, que poderia transparecer pela simpatia que o cardinal nutria por Gerhoh de Reichersberg, outro reformador. Segundo Greenway, Arnaldo ficou sob a patronagem de Guido até provavelmente 1145-1146.

Inocêncio II não poderia fazer objeção, pois morreu em 1143, e provavelmente com a ajuda de Guido, Arnaldo consegue um encontro com o Papa Eugênio III e após ter jurado submissão e obediência a Igreja se dirige a Roma em peregrinação.

A situação de Roma, antes da chegada de Arnaldo já era muito delicada, a bem da verdade, em toda Lombardia. O Republicanismo, segundo Greenway, já era uma tendência, em muitos dos territórios ao norte da Itália, devido as disputas de autoridade e poder entre o Império e o Papado. Roma, que era a capital do Império Romano, onde o imperador era coroado, sede da cristandade do ocidente, onde o Papa ficava.

A revolução romana teve sua origem nos acontecimentos de 1130 com a disputa entre Tivoli e Roma, ocasionada pelo cisma papal. Ao apoiar Anacletus e negar a suserania de Roma, partidária de Inocêncio II, Tivoli inicia uma série de disputas no campo da política que em 1140 eclodem em guerra aberta. Em 1142 Roma envia um exército para submeter Tivoli. Esta empreitada foi um desastre para os romanos, o que força Inocêncio II a enviar um segundo exército no ano seguinte, que desta vez obteve a vitória. Depois da completa submissão de Tivoli, o papa oferece um generoso termo de paz, a garantia de não destruição das muralhas da cidade e a proteção do habitantes da cidade ante a fúria dos romanos. Este acordo leva os romanos a renunciar a autoridade papal, instaurar um novo governo dirigido pelos Senadores e se preparar para retomar a guerra, forçando assim Inocêncio II a se retirar do Capitólio para Latrão onde morre em 1143. Celestino II o sucede, mas em seu curto pontificado não resolve o problema, e no pontificado de Lúcio II a rebelião é consumada com a extinção do ofício de Prefeito. O prefeito (praefectus urbis), em Roma, o mais proeminente oficial no governo papal com a suprema jurisdição em assuntos criminais na cidade, tendo as funções de promotor, juiz

e executor¹². Em seu lugar surge o ofício de Patricius em 1144. Foi eleito para o cargo Jordan Pierleone, neto do anti-papa Anacleto.

A Republica Romana estava assim inaugurada, e o poder temporal do papa sofria um golpe similar ao que os Lombardos e Arnaldo deram quando negaram o poder temporal dos Bispos.

Com o estabelecimento do patricius, Lúcio II apela a Conrado III rei dos Germanos, que por causa de rebeliões em seu reino não pode ajudar. Apela, então a Roger da Sicília, rei dos Normandos, este o envia homens para sufocar a revolução. Em fevereiro de 1145, juntamente com um pequeno grupo de nobres e mercenários sicilianos, Lúcio II entra na cidade mas é sitiado no Capitólio. Sua morte neste acontecimento é relatada como natural segundo sua Vita, mas de acordo com Godfrey de Viterbo, cronista contemporâneo da época, ele morre em decorrência de uma pedrada, na batalha.

No dia da eleição do novo papa Eugênio III, os romanos novamente se rebelam, agora exigindo a renúncia formal de seu poder temporal e o reconhecimento da Comuna. No terceiro dia de seu pontificado, devido a situação insustentável, se retira secretamente para Farfa, onde sua coroação ocorreu. Dois meses mais tarde, desloca-se para Viterbo, onde excomunga o patricius Jordan e conclui uma aliança com Tivoli e os barões do condado romano. Ouve então um acordo, onde o papa retornaria a Roma e reconheceria o senado como dependente de seu poder, em troca o poder temporal do papa seria reconhecido, o ofício de prefeito seria restaurado e o de patricius abolido. (O título de senador em Roma jamais foi totalmente esquecido. Embora tenha mudado de significado, passando a designar não uma função mas uma classe social, a nova aristocracia Carolíngia. O título de cônsul sofreu uma mudança similar, que depois do período bizantino, quando Justiniano retoma Roma, passou a ser um mero título honorífico. Os membros deste senado eram provenientes da milícia civil romana¹³).

Este senado, pedra angular da comuna romana, exercia os poderes executivos, legislativos, judiciários, de cunhar moedas e fazer guerra e paz. Sua soberania não era absoluta, dependendo do *parliamentum*, formado por uma assembleia de cidadãos, que tinha direito de veto. O número de senadores era, em 1151 de 50 e estavam divididos

12 GREENWAY. p.101.

13 GREENWAY. p.116.

em senadores comuns e senadores-cônsules, pequeno grupo que formava uma espécie de comitê executivo, que era eleito a cada 6 meses. Juntamente com o senado estava a Curia Senatorial, um grupo de oficiais engajados em trabalhos administrativos e especialistas em leis, cujo o chefe era o chanceler. Em dezembro de 1145, Eugênio volta a cidade, mas devido a novas rebeliões em março de 1146, o papa é obrigado a fugir para Sutri e as instituições republicanas são restauradas.

E sob estas circunstâncias é que Arnaldo retorna a Roma.

Devido a tomada de Edessa pelos muçulmanos em 1144 e a ameaça ao reino latino de Jerusalém, em 1147 Eugênio III viaja para França e Alemanha, para convocar uma nova Cruzada o que absorve sua atenção por dois anos. São nestes anos de ausência do papa na Itália, que, de acordo com Jean de Salisbury, Arnaldo vai volta a pregar sua doutrina sobre a pobreza apostólica e contra a hierarquização do clero e seu poder temporal. A agitação no baixo clero, fruto da pregação de Arnaldo, reforça a revolta original, contra os poderes temporais do papa, o que levava Arnaldo a assumir papel de destaque na política da comuna. Jean de Salisbury, dirá que Arnaldo entra em debates públicos para acusar o papa de ser um homem sanguinário, e, por pregar contra a hierarquização do clero criara um secto de homens que conhecidos como heresia dos Lombardos. Othon de Freising, dirá que Arnaldo é o responsável pelo restabelecimento do senado e da ordem equestre, inspirado no modelo dos Antigos. Frugoni, fala que esta ordem equestre não passa de uma fantasia cultural de Othon, talvez baseada na historia de Titu Lívio.

Em junho 1148 Eugênio volta a Itália e ao tomar ciência das pregações de Arnaldo e o excomunga, mas nem Arnaldo, nem a comuna se intimidam, o que leva Eugênio a abandonar a política conciliatória e começar a forjar alianças para submetê-los com armas. Vai de Viterbo para Tusculum forma uma milícia papal sob o comando do Cardial Guido *Puella e* realiza um assalto que atrai as críticas tanto de Bernardo como do Abade Gerhoh, mas que devolve o palácio de Latrão. As negociações para a paz permanente continuam, porem em 1150, o papa se vê obrigado, novamente, a deixar a cidade e procurar Róger da Sicília.

O principal obstaculo, nas negociações, entre a comuna e o papa, é Arnaldo. O papa ordena sua expulsão da cidade, mas a comuna o protege com força de armas. Esta aliança entre a comuna e Arnaldo, segundo Greenway, é benéfica tanto para o abade de

Bréscia quanto para a comuna, pois ao proteger Arnaldo a republica retoma um pouco a popularidade perdida pelos conflitos com o Papa alem de ambos lutarem contra os poderes temporais do Papa. O conflito que tinha somente uma projeção local, cresce e se torna regional. O papado encerra sua aliança com os Róger temendo ganhar a antipatia de Conrado, rei dos germânicos. Tanto o Senado como o Papa enviam cartas a Conrado propondo aliança.

São duas as cartas enviadas a Conrado pelo Senado. A primeira, escrita de forma prolixa e carregada, expressa a lealdade de Roma diante o imperador e o desejo de coroá-lo na cidade conforme a tradição dos cesares. O papa, ao se aliar com seu rival, Róger da Sicília, estaria desafiando a autoridade imperial. E por isso deveria ser combatido. Nesta carta Greenway não enxerga nenhum sinal de Arnaldo, seu conteúdo seria politico, diferentemente da segunda carta. Seu autor se identifica como um fiel partidário do Senado, sua identidade é desconhecida porem, Greenway aponta grande influencia dos ensinamentos de Arnaldo no texto, deixando claro os fortes laços que o uniam com o Senado. (alguns autores afirmam que a carta seria obra do próprio Arnaldo e isto poderia significar a entrada, ou a participação real de Arnaldo no jogo politico da comuna). Na carta Conrado é convocado a marchar com a maior rapidez o possível a Roma para regular e limitar a autoridade eclesiástica pois nenhum Papa pode ser consagrado sem sua ordem e consenso, e o mundo não pode se poluído por clérigos assassinos e sanguinários.

Juntamente com as cartas dos romanos, Conrado recebe as cartas do Papa. Nelas Eugênio III pede ajuda para restaurar a paz e a tranquilidade para o povo cristão, mas não sedendo o poder temporal do Papa. Conrado, em 1150, após enviar uma embaixada para negociar com o Papa, começa a preparar uma marcha pela Itália, e um ano depois envia o representante do pontífice em sua corte, Wibald, abade de Stablo e Corvey, para tratar com o sumo pontífice os detalhes de sua coroação. Wilbald foi o grande responsável por esta aproximação entre o Papa e Conrado, e também levou a resposta negativa de Conrado para o Senado, endereçada ao Prefeito da cidade, os cônsules, capitães e a todo povo romano.

Porem esta marcha foi interrompida subitamente com a morte de Conrado. O sucessor foi seu sobrinho Frederico Barba Ruiva. O senado romano, enxerga neste momento uma nova oportunidade e envia mais uma carta na tentativa de negociar com o

novo monarca, porem Frederico ambicionava a dignidade Imperial e não nutria nenhuma simpatia pelo governo republicano instaurado em Roma.

Em uma carta enviada ao rei dos Germânicos, escrita por um tal de Wetzel, pode mostrar mais uma vez a influencia de Arnaldo nos discursos políticos do Senado. A carta lembra o imperador que sua autoridade provem de Roma, no ato de sua coroação. Também lamenta o fato de Frederico estar seguindo os passos de seu predecessor, que ao apoiar “heréticos, clérigos apostatas e falsos monges” estava contribuindo com a degradação da Igreja de Deus e dos poderes civis. Continua fazendo ataque violentos a hierarquia da igreja, e utilizando autoridades como passagens da sagrada escritura, são Jeronimo e pseudo-Isidoro, evocando até o “ herético e mentiroso¹⁴” episodio da Doação de Constantino. Ao final é pedido ao imperador que envie seus especialistas em leis para que seja estabelecido uma verdadeira fundamentação legal em Roma. A carta, devido suas características e economia interna, segundo Greenway, foi escrita por um homem hábil no manejo da dialética, com um grande conhecimento dos Pais da Igreja, pseudo-Isidoro e das leis Romanas.

Eugênio III também escreve para o novo monarca, o lembrando de suas obrigações com a Igreja, Wibald, que continuava em sua função também trabalhava para que o Frederico seguisse a politica adotada por Conrado.

Em 1153, é assinado o Tratado de Constance, entre o novo Imperador Frederico e o Papa, onde o primeiro reconhece o poder temporal da Igreja e o ultimo o coroa Imperador dos Romanos. Eugênio retorna a Roma, agora com um senado, em sua maioria moderado. Mas Eugênio não vive para colher sua vitoria, nem para coroar o Imperador e e morre em julho de 1153.

Seu sucessor foi Anastácio IV, que após um ano e nenhuma realização significativa morre em dezembro de 1154, ascendendo ao pontificado Adriano IV. Por adotar uma politica mais severa e defender o poder temporal da eclésia o senado romano não admite a validade da eleição papal. Adriano, em contra partida não reconhece a republica e ordena a expulsão incondicional de Arnaldo da cidade, antes de qualquer negociação. O senado recusa suas ordens e pede de novo a ajuda de Frederico, que os ignora e começa em outubro de 1154 sua marcha para a Itália, para pacificar as varias cidades que tinham se declarado autônomas por vezes em relação ao Papa, por

14 Collect. II inter WIBALDI epistolas. p. 542. in GREENWAY. p. 135.

vezes em relação ao Império, como foi o caso de Milão¹⁵, na região da Lombardia.

Mas de fato, o Papa era como que em um prisioneiro dentro da própria cidade. No clímax desta situação, em 23 de março de 1155, um cardinal da cidade, chamado Guido de São Pudencienne, é atacado, por supostamente um partidário de Arnaldo.

Adriano suspende a celebração da semana santa, o que leva o clero e a população em geral a expulsar Arnaldo da cidade. Segundo Boson, o senado também foi obrigado a se render e prestar juramento de obediência e submissão ao Papa, sob pena de expulsão da cidade e o ofício de prefeito foi restaurado.

Enquanto isso, no dia de páscoa, após ter tomado a cidade de Tortona, Frederico marcha com seu exército para Roma. Arnaldo foge para o norte onde é capturado pelo cardinal de São Nicola, próximo a região onde Frederico se encontrava, mas sua prisão dura pouco, encontrando refúgio ao lado do Visconde de Campagnatico que lhe dá abrigo. São enviados a Frederico cardiais, para pedir a ele que ajude a Igreja a capturar o herege. Frederico envia seus emissários e nem Arnaldo nem o Visconde tem opção. Arnaldo se rende ao rei dos Germânicos.

Não quero nesta apresentação dar a impressão que o imperador se deslocou da Alemanha até a Itália somente para tratar da pacificação de Roma ou da captura de Arnaldo. Ele vai a Itália, como dito antes para pacificá-la e colocá-la sob sua autoridade, ele vai a Itália para reafirmar e construir um Império. Um grupo de cardiais já havia sido enviados ao Rei para tratar das condições da coroação. A entrega de Arnaldo aos cardiais e ao prefeito neste episódio não passa de um ato de boa fé de Frederico.

O papa que teria se retirado de Roma, segundo Greenway, por prudência pois seus sentimentos em relação ao Imperador eram ambíguos, algo que variava entre o medo e a esperança. Após as negociações através das respectivas embaixadas e a confirmação do tratado de Constance, em 9 de junho, Inocêncio III e Frederico I se encontram e marcham para sitiarem Roma.

No dia 18 de junho Frederico é coroado Imperador do Sacro Império Romano Germânico. Arnaldo, depois de julgado por um tribunal eclesiástico é entregue ao braço secular, provavelmente ao Prefeito, e enforcado, depois queimado e suas cinzas jogadas no rio Tiber, para que, segundo Otto, não se torne objeto de veneração da população,

15 GREENWAY. p.152.

sem ter, segundo Gautier Map, se arrependido de sua doutrina. Os membros mais influentes do senado também foram mortos¹⁶, mas por motivos políticos, sem a interferência do papado.

Fonte

OTTO OF FREISING. *The deeds of Frederick Barbarossa*. Tradução de Charles Christopher Mierow. New York: Columbia University Press, 2004.

SÃO BERNARDO. Cartas 187, 188, 189, 195, 196, 243, 244. In. *Obras completas de San Bernardo, tomo VII: cartas*. Tradução de Inaki Aranguren e Mariano Ballano. Madri: Biblioteca de autores cristianos, 2003.

Bibliografia

BERLIOZ, Jacques (apre). *Monges e religiosos na Idade Média*. Lisboa: Terramar, 1996.

CONSTABLE, Gilles. The orders of Society. In: CONSTABLE, G. *Three studies in medieval religious and social thought*. New York: Cambridge University Press, 1998.

FRUGONI, Arsenio. *Arnaud de Brescia dans les sources du XIIIe siècle*. Paris: Les Belles Lettres, 2004.

GREENAWAY, George W. *Arnold of Brescia*. London: Cambridge, 1931.

IOGNA-PRAT, Dominique. *Ordonner et exclure. Cluny et la société chrétienne face à l'hérésie, au judaïsme et à l'islam (1000-1150)*. Paris: GF Flammarion, 1998.

JOLIVET, Jean et VERGER, Jacques. *Le siècle de Sain Bernard et Abélard*. Paris: Perrin, 2006.

16 GREENWAY. p.157.